

Entrevista com Luiz Fernando Ferreira e Carlos Maurício

Entrevistadores: Sergio Goes de Paula e Edurado Costa

Data: 1 de outubro de 2015.

Sergio: Bom, hoje é dia primeiro de outubro, entrevista com Luiz Fernando Ferreira da Silva e Carlos Maurício de Andrade.

Carlos Maurício: Seu fiel escudeiro.

Sergio: O que nós estamos fazendo é preparar material, levantar material e documentação primária sobre o Peses/Peppe.

Eduardo: A história anterior da escola.

Luiz Fernando: A história anterior eu vivi, o Peses/Peppe, o que a gente tem para dar é do período anterior.

Sergio: Sim e tem para dar também o ponto de vista externo sobre o Peses/Peppe, o que significou o Peses/Peppe aqui para vocês que já estavam aqui e continuaram a trajetória de ensino e pesquisa fora daquele projeto de epidemiologia e ciências sociais, porque na verdade é essa a questão, a não entrada de vocês para o Peses/Peppe foi porque o Peses/Peppe estava voltado para a área de epidemiologia e estatística...

Carlos Maurício: Nós éramos das ciências biológicas, basicamente.

Sergio: Vocês eram da área de ciências biológicas, então não havia uma inserção imediata, mas, enfim, seria essa coisa, um pouco o ambiente de que se serve o Peses/Peppe e o que significou daí para a frente pelo ponto de vista de vocês.

Eduardo: Mas, ele está puxando para esse lado, eu tenho puxado mais para o outro lado, de saber o que faz parte da coisa, desse ambiente e tudo, a história da escola porque o Peses/Peppe transformou bastante esse ambiente daqui...

Carlos Maurício: É verdade.

Eduardo: Mas que ambiente que era? O que que se passou aqui.

Luiz Fernando: Aqui era a escola, né? A escola, antes, cada um dava aulas no serviço onde trabalhava, eu dava aulas no Hospital São Francisco, eu era assistente na cadeira de doenças...

Carlos Maurício: PCC.

Luiz Fernando: Na cadeira de doenças tropicais, o catedrático na época era José Rodrigues da Silva, que era o catedrático que comandava a coisa e que era um sujeito extremamente legal. Em relação à saúde pública, os alunos iam lá, lá eu dei aulas para Jorge Valadares e mais dois engenheiros, eram três engenheiros, uma coisa assim, o Tomasini, acho, e coisa... e os cursos eram

separados, cada um tinha um curso de saúde pública, o farmacêutico, o veterinário, o engenheiro e foi juntado aqui na turma do Eduardo, não é?

Eduardo: Foi.

Sergio: Mas esse curso que você dava não era mestrado, era curso de especialização.

Luiz Fernando: Não era mestrado.

Eduardo: Não era mestrado, o mestrado que juntou todo mundo.

Carlos Maurício: Foi depois.

Eduardo: Foi no mestrado.

Luiz Fernando: Teve um mestrado, porque o Blois era alucinado, ele fazia a história da cabeça dele.

Eduardo: Você conheceu.

Luiz Fernando: Eu acho que foi o que o Eduardo fez...

Eduardo: Foi.

Luiz Fernando: Não tinha regulamento, não tinha coisa nenhuma, depois é que veio o mestrado, o doutorado regulamentado...

Carlos Maurício: Nas bases atuais.

Sergio: Mas o curso do Eduardo foi o segundo, não foi o primeiro, né?

Eduardo: Foi do segundo.

Sergio: Então você deve estar se referindo ao primeiro, o que não tinha...

Luiz Fernando: Aí eu não me lembro mais, se foi do primeiro ou segundo curso.

Carlos Maurício: Não, ele foi do segundo curso, óbvio, isso eu me lembro bem.

Luiz Fernando: Ainda era separado, né?

Eduardo: Não.

Carlos Maurício: Não, tudo junto.

Luiz Fernando: Tudo junto, claro, aí juntou todas as profissões num curso só, médicos, enfermeiras, engenheiros... eu não sei se já constou alguma peculiaridade, uma é que os alunos ficavam alojados aqui.

Eduardo: Eu não estava aqui, só e [19]67, [19]68, já tinham desistido disso, por alguma razão que eu não sei qual, eu não conheço nenhuma história do que aconteceu, só sei de um casamento...

Luiz Fernando: De um casamento, é claro.

Eduardo: Do (Rivero) com uma enfermeira lá, de um médico com uma enfermeira de Pernambuco. Mas poderia ter conhecido sem o alojamento ser conjunto na época. Eu queria saber se tinha muita festa aqui, estou brincando, mas não podia ter festas, né? Tinha uma polícia em cada andar não era isso? No andar das mulheres, no andar dos homens.

Sergio: Tinha o quê?

Luiz Fernando: Tinha um no andar das mulheres, tinha uma polícia para cada andar.

Carlos Maurício: Tinha uma pessoa que ficava ali vigiando as pessoas.

Luiz Fernando: É.

Sergio: Ficava ali?

Carlos Carlos Maurício: Fica ali, tinha uma mesa e ficava ali.

Luiz Fernando: Tomando conta, para não passar de um andar para o outro.

Eduardo: Você imagina, rolava uma propinazinha.

Luiz Fernando: É claro.

Carlos Maurício: Era muito interessante.

Luiz Fernando: E o Blois, que era o déspota esclarecido.

Eduardo: Como é que os caras ficavam, só para esclarecer a história, uma coisa é terminar as aulas às cinco e você ir para o alojamento e tal, o que eles faziam?

Sergio: Deviam ir para a biblioteca.

Carlos Maurício: Estudar, tinha uma...

Luiz Fernando: Estudar.

Carlos Maurício: Tinha uma... cada quarto tinha uma sala de estudo.

Luiz Fernando: Cada quarto tinha uma escrivaninha, cada quarto tinha uma cama e...

Eduardo: Não tinha diversão, não tinha sala de televisão?

Luiz Fernando: Não me lembro se tinha televisão, se tinha...

Carlos Maurício: Não tinha, entretenimento não tinha nada.

Luiz Fernando: Acho que iam também para os bailes que tinham aqui...

Eduardo: É, tem aqueles botecos.

Luiz Fernando: Aqueles botecozinhos, e ...

Carlos Maurício: Na favela.

Luiz Fernando: Era mais calmo, essa coisa, e ficava aqui, dormia aqui.

Carlos Maurício: Você se lembra disso porque você é mais ou menos de nossa época...

Sergio: Lembro.

Carlos Maurício: Eu era garoto na época.

Sergio: Lembro sim.

Luiz Fernando: E depois tinha coisas peculiares como: o Blois me perguntou “quanto você quer ganhar?” Aí bom, ninguém nunca tinha me perguntado “quanto você quer ganhar?” Eu era assistente da faculdade e tinha um salário e aí ele me disse “três vezes”, me perguntou “quanto você ganha?” Eu disse X, nem me lembro mais, e aí disse “três vezes mais está bom?” “Tá bom”. Interessante era o Blois, ele tinha peculiaridades, tinha uma coisa assim... vivia meio as turras com o... como é o professor de planejamento?

Carlos Maurício: Osvaldo.

Eduardo: Osvaldo Costa.

Luiz Fernando: Osvaldo Costa, eles tinham umas turras assim.

Carlos Maurício: O interessante também, quando ele chamou o Fernando, o Fernando falou... o laboratório dele era grande lá na cadeira de ciência tropical, “Eu levo os estudantes...”, disse, “Eu vou, mais eu tenho os meus estudantes” e aí o Blois falou “Traz todo mundo.”

Luiz Fernando: E eu trouxe.

Carlos Maurício: Aí ele trouxe.

Luiz Fernando: Trouxe ele...

Carlos Maurício: Eu me lembro que ele sentou na sala, naquele anfiteatro, e falou assim com a gente “A gente vai para lá e tal, vamos ver, se não der certo a gente vai para o botequim da esquina e toma uma cerveja...” Nunca mais me esqueci disso, vim e deu certo.

Luiz Fernando: Deu certo e ficamos até hoje.

Sergio: Isso foi em que ano?

Luiz Fernando: Em [19]66.

Carlos Maurício: Em [19]66.

Sergio: Está fazendo cinquenta anos.

Eduardo: Você começou em [19]66 também?

Carlos Maurício: Sim, vim junto com ele.

Luiz Fernando: Veio junto.

Carlos Maurício: Nós vimos a inauguração, Castelo Branco ali puxando a cordinha, nós estávamos juntos ali, na entrada da biblioteca.

Luiz Fernando: Ele era estudante.

Carlos Maurício: Eu era estudante.

Eduardo: Você entrou não como estudante aqui, mas era estudante na Faculdade.

Sergio: Estudante na Faculdade de Medicina?

Carlos Maurício: Não, de Farmácia, lá eu fui estagiar com ele, eu era estudante estava no segundo ano, era eu, o Tosta que foi teu aluno, estudante de medicina seu e que acabou não vindo, a Marli, o Deomar e o Felipe.

Eduardo: O Felipe Becerra.

Luiz Fernando: Becerra.

Carlos Maurício: Aí o Blois trouxe todo mundo e pagava um salário bom...

Luiz Fernando: Pagava muito bem.

Carlos Maurício: Era instrutor de ensino.

Sgeos: Instrutor de ensino era o nome, eu fui instrutor de ensino.

Carlos Maurício: Era estudante.

Sergio: Praticante de ensino!

Carlos Maurício: Praticante de ensino superior, era assim que se falava, e nós viemos para cá e foi interessante, porque montar tudo, começamos a montar o laboratório que não tinha nada. Trouxe todo o material da cadeira, as lâminas, tudo, os slides, foi montando aos pouquinhos.

Luiz Fernando: Aí trouxemos o Herman.

Carlos Maurício: O Herman depois veio.

Luiz Fernando: O Ernesto Hofer.

Eduardo: O Herman não estava lá?

Carlos Maurício: Não, era daqui.

Eduardo: A galera do Coura, não.

Carlos Maurício: Não.

Luiz Fernando: o Coura não era o catedrático.

Eduardo: O Rodrigues também não?

Carlos Maurício: Não, era daqui, o Herman trabalhava aqui.

Eduardo: Era o IOC.

Luiz Fernando: É.

Eduardo: Já era da instituição, vocês estagiaram, né?

Carlos Maurício: Quando veio já era doutor, já tinha doutorado.

Luiz Fernando: O Herman foi para a Alemanha.

Carlos Maurício: Ele foi para a Alemanha fazer doutorado.

Luiz Fernando: Ele fez... fazer qualquer coisa, eu não sei.

Carlos Maurício: Foi fazer doutorado.

Luiz Fernando: Aí, quando o Herman veio...

Eduardo: Era muito jovem.

Luiz Fernando: Aí, quando o Herman veio, oferecem condições muito ruim no IOC, que era separado, o IOC não tinha nada.

Eduardo: Era de outra instituição.

Luiz Fernando: Era de outra instituição, que era serviço público, a gente era ...

Carlos Maurício: Nós éramos CLT e eles eram estatutários.

Luiz Fernando: CLT, depois... Aí o Herman... Muito ruim para ele e ele me procurou...

Carlos Maurício: Montou um belo serviço de laboratório.

Luiz Fernando: E montou um departamento, laboratório...

Sergio: Já de virologia?

Luiz Fernando: Já de virologia, porque o de microbiologia era o Jarbas e o...

Eduardo: Isso depois, quando é que é, em [19]67?

Luiz Fernando: É difícil localizar, eu não me lembro.

Carlos Maurício: Deve ser [19]67, começo de [19]68.

Luiz Fernando: Aí veio o Gober que era o coordenador da microbiologia... se lembra do Gober ou não?

Carlos Maurício: Um baixinho...

Eduardo: Lembro mal.

Sergio: O Departamento de Biologia então tinha um laboratório parasitologia.

Carlos Maurício: Parasitologia, que éramos nós, e virologia.

Sergio: Virologia e microbiologia.

Luiz Fernando: Parasitologia.

Sergio: Virologia e microbiologia.

Eduardo: O Jarbas veio logo?

Carlos Maurício: O Jarbas não veio logo, veio depois, mas ele veio dar aula.

Luiz Fernando: Veio depois, o Jarbas já trabalhava com o Blois lá na Santa Casa.

Carlos Maurício: Lá na Santa Casa.

Luiz Fernando: E o Blois pediu “Ó, você sabe...”, e o Blois quando queria fazer charme sabia fazer, “Não fica zangado?” “Não”, e botou o Jarbas lá e ele pegou a parte de microbiologia. O Blois tem as peculiaridades, pois ele fazia da cabeça dele, do jeito que ele queria, o mestrado foi feito do jeito dele e não tinha nada a ver com o coisa e ele de vez em quando falava com o ministro, uma eu ouvi, “Ó, Miranda, eu fiz isso...” e fazia qualquer coisa irregular... “Se você tem culhões manda me prender, se você não tem, fica quieto, não encha o saco”...

Carlos Maurício: Parece que eles eram sócios numa clínica.

Eduardo: Esse foi o segundo ministro, porque o primeiro foi o Raimundo de Brito.

Luiz Fernando: Raimundo de Brito.

Eduardo: Depois o Leonel Miranda veio com o Costa e Silva.

Luiz Fernando: Isso.

Sergio: Qual era o papel do Sávio [Antunes] aqui?

Luiz Fernando: O Sávio tinha um papel importante, não sei se o Eduardo...

Sergio: Sávio Antunes.

Luiz Fernando: Tá ali, o retrato ali. O Sávio... Porque nós tínhamos uma relação mais cerimoniosa com o Blois e o Sávio não tinha, era amigo dele.

Carlos Maurício: Foi colega de turma.

Luiz Fernando: Colegas no colégio, sei lá de quê. O Sávio funcionava com a gente quando a gente queria alguma coisa, procurava o Sávio e “Ó, convença o Blois que isso é bom...” e assim... tinha

um papel de intermediário e muito bom papel, era um sujeito muito culto...

Carlos Maurício: Muito, matemático.

Luiz Fernando: Era professor de matemática.

Eduardo: Mas não era formado.

Carlos Maurício: Não, ele estudou engenharia.

Luiz Fernando: Não, não era formado em nada, abandonava todos os cursos, começou engenharia largou, começou física e largou também, não acabou, não tinha diploma superior. Ele dava aulas no colégio, nesse tempo o professor não precisava ter diploma, e dava aulas num colégio em Niterói, um negócio assim...

Carlos Maurício: Era em Niterói.

Luiz Fernando: Ele dava aulas e depois veio para cá e tinha um poder muito grande com o Blois, tinha...

Eduardo: Eu me lembro de algumas coisas que falavam dele, ou ele falava com a gente, falou alguma vez que ele foi soldado da borracha.

Luiz Fernando: É.

Eduardo: Ele entrou numa daquelas excursões...

Luiz Fernando: Ele contava esta história, que ele saiu daqui do Rio de Janeiro com um bando de facínoras e vagabundos que o João Alberto pegou na rua e juntou aquela gente toda e ele comandava aquela gente, no tempo em que o banco era difícil, ele foi com dinheiro no bolso, quando chegava no lugar ele pagava as despesas e foi com um bando de gente até a Amazônia para entrar e coisa... Dava confusão em cada cidade onde chegava, os caras iam para o bordel, e aí no bordel saíam brigas do diabo e, enfim, era a confusão... Ele contava essa história, foi para o negócio da borracha de João Alberto de Campos.

Carlos Maurício: Tinha uma bela de uma biblioteca ali na Tijuca.

Luiz Fernando: Tinha uma bela biblioteca na Tijuca, herdei uma porção de livros dele.

Carlos Maurício: Você herdou.

Eduardo: Ele ficou bem mais tempo, não lembro quando ele saiu. Porque eu lembro de que quando todo o Departamento de Estatística foi embora para Brasília, isso já era começo de [19]70, em [19]69 com aquela mudança pro Risi, primeiro o Sebastião, depois o Risi, em [19]70 já era o Risi, o Sebastião não demorou muito tempo aqui, deve ter sido um ano só, né? Foi só um ano...

Carlos Maurício: É, foi por aí.

Luiz Fernando: O Sebastião?



Eduardo: É, teve aquela limpa no Departamento de Ciências Sociais e tal, aí o Risi tinha que resolver a estatística, cara, eu vi uma coisa dele só que foi o suficiente, o Risi me contratou porque o Osvaldinho Costa queria, eu e o Ciro, porque também estavam esvaziado os departamentos. O Nelson tinha ido não sei para onde...

Luiz Fernando: Pro Sesp.

Eduardo: Foi ser superintendente no Sesp.

Luiz Fernando: O Nelson foi comandar o Sesp.

Eduardo: É, o Tomasini que não era dali, era da unidade sanitária, foi para a epidemiologia para ter alguém, porque não tinha ninguém, trouxe o Joir porque também era da lepra, veio um pouco antes de mim com o Risi e aí ele precisava de alguém com aquela coisa e contratou a gente. Eu também era amigo do filho dele...

Luiz Fernando: De quem?

Carlos Maurício: Era amigo do filho do Risi, ele foi para Brasília.

Eduardo: Eu era amigo do Risi Júnior, bom, tinha sido colega do curso de varíola e tal, o que interessa nessa história é que um dia nós queríamos organizar o departamento. Ele tinha colocado dois professores de estatística, vocês lembram? Um deles coitadinho, coitadinho porque não ensinava...

Sergio: Era o Isnar?

Eduardo: O cara não sabia nada, ele vinha de um segmento muito pobre, ele tinha muita dificuldade de raciocínio, dava aulas mal pra caramba, colega de Anchieta [?], não sei. Eu sei que ele contratava assim... Devia ser por pedidos, porque um dia ele disse "Pô, nós precisamos muito de um desenhista nesse departamento..." porque não fazia em computador gráfico, ele disse para a gente "Era bom se tivéssemos um desenhista, a gente precisa", e ele disse"... "Ah, não, pode deixar que eu vou contratar". Aí chegou aqui para ser desenhista, sabe quem é? Aquele Samir, aí eu pedi para ele fazer um desenho para testar, mas o cara não sabia absolutamente nada, nunca tinha desenhado na vida.

Carlos Maurício: Eu me lembro desse Samir.

Eduardo: Aí eu fui falar com o Risi "Ô professor, eu não quero ser chato, mas eu vou te dizer uma coisa, o cara não sabe desenhar nada", ele disse "Ah, Eduardo, não temos desenhista pronto, temos que preparar..."

Luiz Fernando: Quem é que falou isso?

Eduardo: O Risi.

Luiz Fernando: O Risi era um babaca.

Carlos Maurício: O velho.

Luiz Fernando: O velho.

Eduardo: Pois é, eram amigos.

Luiz Fernando: A mulher tinha que usar saia... Foi falar mal da saia da Dulce.

Carlos Maurício: Você não lembra disse?

Sergio: Lembro.

Luiz Fernando: Que a Dulce tinha a saia muito curta e não sei o quê...

Carlos Maurício: Tadinha, já morreu.

Eduardo: Agora, por isso que a gente insistia tanto em fazer concurso aqui, o programa de epidemiologia era um desastre, foi com vocês que pegou um núcleo assim não... Já pegou um grupo pra... Já era um mecanismo do Estado do Rio... Sempre brinco, quer saber como é a política mesmo, dessa clientelista, tem que ir para Niterói, lá que era essa tradição...

Sergio: Amaral Peixoto.

Eduardo: Pois é.

Luiz Fernando: Amaral Peixoto.

Sergio: O Amaral Peixoto ensinou eles lá a fazerem direitinho.

Carlos Maurício: O Vital Brasil era coisa...

Sergio: Era terra de ninguém.

Luiz Fernando: Terra de ninguém.

Sergio: Como é que foi a saída do Blois, vocês lembram?

Luiz Fernando: Eu conto a história com o negócio da garota, tinha uma cerimônia... Não sei se o Carlos Maurício se lembra, eu conto essa história que o Eduardo contestou, a história que nunca... Ele fazia coisas muito estapafúrdias, muito fora do modelo tradicional, ele fazia... Gastava dinheiro de uma coisa na outra, coisa que não podia na época, enfim, ele comandava..

Sergio: Em que ano foi isso?

Carlos Maurício: Isso é 1970.

Eduardo: [19]69.

Carlos Maurício: [19]69, [19]70, quando eu fui para a Alemanha...

Eduardo: [19]69.

Carlos Maurício: Já não era mais ele.

Eduardo: Em que ano você foi para a Alemanha?

Carlos Maurício: No final de [19]69, então durante [19]70 foi que... Quando eu voltei...

Luiz Fernando: Aí a cerimônia, que eu me lembro, de abertura de curso, o Blois que nunca mais que chegava, tinha secretário de Saúde, tinha gente importante... Ele chegou em um Karman Ghia, eu já contei essa história, com a garota e pulou do Karman Ghia aberto, pulou com sapato sem meia naquela época, e camisa, não vinha de gravata nem nada, sentou na mesa, botou a garota na mesa e fez a cerimônia e pouco tempo depois ele caiu...

Sergio: Mas não imagino que tenha sido por isso, muito mais por uma mudança de poder...

Carlos Maurício: Lógico.

Sergio: Foi quando entrou... quem era o ministro da Saúde?

Luiz Fernando: Leonel Miranda.

Carlos Maurício: Rocha Lagoa.

Sergio: Rocha Lagoa? Em [19]69, Rocha Lagoa foi em [19]70.

Eduardo: Foi com o Médici, em [19]70.

Carlos Maurício: Nós estamos falando do final de [19]69, início de [19]70.

Eduardo: O Médici é do final de [19]69.

Carlos Maurício: É transição.

Sergio: Não, o final de [19]69 é Costa e Silva que tem o AI 5.

Eduardo: Não, em [19]68 que é o AI5.

Sergio: O AI5 é de [19]68, você tem razão.

Eduardo: Foi em [19]69, porque aí o Médici articulou e teve eleição extemporânea no começo de [19]69, aí veio o Lagoa...

Sergio: A saída do Blois está associada...

Carlos Maurício: À troca de governo.

Sergio: À troca de governo.

Eduardo: Estava falando para ele que embora tenha esses eventos, aqui corre muitas versões, entendeu?

Luiz Fernando: A gente viu.

Eduardo: Pois é, a gente viu, o que teria provocado...

Sergio: Senta aí Luiz, vamos ouvir você.

Luiz Fernando: Aí o Blois saiu, o que rodava na época é que ele saiu mas ele conseguiu fazer um sucessor, que foi o Sebastião, que era um pediatra, que era um cara legal, essa coisa, e que estava fazendo livre docência...

Sergio: Não era um cara tão legal não, foi em [19]69 que teve uma limpa na escola onde eu fui despedido, Cláudio Maia despedido, que era do núcleo de fotografia, o Nelson Monteiro, filho do Monteirinho foi despedido, e mais quem? Não eram só essas três pessoas.

Eduardo: Ali acabou o Departamento de Ciências Sociais, com exceção da... a Ildinha já tinha ido embora...

Sergio: O Vassalo já tinha saído, o Departamento de Ciências Sociais era eu, o Arlindo, o Vassalo e Acácia.

Luiz Fernando: Acácia.

Eduardo: Não, tinha mais gente.

Sergio: Tinha o Paulo.

Eduardo: A Rosa era a psicóloga.

Luiz Fernando: A Rosa.

Eduardo: Tinha a Ilda.

Luiz Fernando: Rosa Raposo, era linda.

Carlos Maurício: Era uma morena...

Eduardo: A Rosa eu costumava dizer que ela era a do Sávio.

Luiz Fernando: É, diziam que era do Sávio.

Sergio: Mas essas pessoas foram embora nessa época?

Eduardo: Sim, quando eu chego em [19]70, no meio do ano de [19]70, elas não estavam mais aqui.

Sergio: Não, mas o caso é o seguinte: esse evento... eu fui despedido, eu sei a data, que por um acaso é o meu aniversário, primeiro de abril de 1969, eu não sei se foi todo o mundo porque isso foi um...

Eduardo: Eu não sei se elas foram juntos, eu não estava aqui, quando eu saí no final de [19]68 para a Bahia.

Luiz Fernando: Eu também não sei.

Eduardo: E depois cheguei aqui depois do meio de [19]70, um pouquinho mais do meio de [19]70, já tinha um esvaziamento total da Escola, não sei bem se é em [19]69, sabia que tinha começado o

negócio...

Luiz Fernando: Aí o Arlindo dizia somos os dezoito...

Eduardo: Os dezoito do Forte.

Luiz Fernando: Ficamos dezoito.

Sergio: O que eu estou perguntando é se essa limpa foi um ato só que tirou todo mundo, ou se foi uma coisa que foi acontecendo aos poucos, o sangramento ao longo do ano de [19]69.

Luiz Fernando: Não sei.

Carlos Maurício: Eu não me lembro, porque nós não tivemos esse problema, nós éramos do Departamento, nós fomos poupados, não teve nada disso e todo mundo permaneceu. Vocês não, vocês sofreram isso, vocês sabem.

Eduardo: Ainda em [19]70, vira, eu não me lembro em que data é o decreto, mas é que vira com Rocha Lagoa e aí certamente o Médici...

Carlos Maurício: Fundação.

Eduardo: Vira uma coisa só...

Carlos Maurício: Aproveita a estrutura e junta tudo.

Luiz Fernando: O que contam é que o Rocha Lagoa quis fazer uma Fundação do IOC, aí não podia mais fazer.

Eduardo: Tinha muita fundação já.

Luiz Fernando: Porque exigia uma série de condições, então ele fez seguinte...

Carlos Maurício: Aproveitou...

Sergio: Fundiu o IOC na Fensp né? Mudou...

Luiz Fernando: Botou o IOC dentro da Fensp e mudou o nome.

Sergio: Fundação Instituto Oswaldo Cruz..

Carlos Maurício: Fundação Instituto Oswaldo Cruz.

Luiz Fernando: Aí juntou.

Eduardo: Com isso eles preservaram o que era ciências biológicas, mas na visão do Instituto Oswaldo Cruz, as ciências sociais eram muito acessórias, tiraram as pessoas.

Carlos Maurício: Foi uma visão conservadora.

Eduardo: Tirou a Acácia.

Luiz Fernando: A Acássia foi embora.

Sergio: Não, Acácia ficou.

Eduardo: Quem ficou aqui?

Sergio: Acácia e o Arlindo.

Eduardo: O Arlindo ficou, também não sei quais as conexões para ter ficado, porque tinha o saneamento que só tinha duas pessoas mesmo...

Luiz Fernando: Era o Cinamon.

Carlos Maurício: Tinha aquele engenheiro...

Eduardo: Era o outro cara, o Taveira?

Luiz Fernando: Taveira.

Eduardo: Era o Taveira, que outro departamento tinha?

Sergio: Epidemiologia.

Eduardo: O de Epidemiologia estava esvaziado, como eu disse, tava lá o Tamasini...

Sergio: Epidemiologia já tinha se esvaziado por outras razões, é o que você está dizendo?

Carlos Maurício: As pessoas foram fazer outras coisas.

Eduardo: Ensino em geral.

Eduardo: Alguns foram embora e alguns foram tirados.

Carlos Maurício: Muitos foram para Brasília, aquele pessoal de matemática, o Carlos Maurício Cano...

Eduardo: Aí eu ia contar, eu me lembro bem dele falar pro Risi, ele e o Sávio, "Ah, preciso falar com o doutor..."

Luiz Fernando: Quem?

Eduardo: O Sávio falando pro... Por isso que eu falo que ele estava aqui, pelo que eu me lembro, ele continuou, o Sávio continuou por bastante tempo, não sei quando ele saiu.

Luiz Fernando: O Sávio foi até aposentar.

Carlos Maurício: Foi.

Luiz Fernando: Aposentou aqui.

Eduardo: Ele chega e diz assim "Vamos ensinar para esses meninos como se ensina matemática", ele queria assumir o Departamento, e deu uma função para ele porque não tinha função, ele

estava na frente da gente, aí ele pediu para ser professor de estatística, aí eu acho que o Risi não gostou e aí contratou esses dois carinhas que vieram para serem professores de estatística.

Sergio: Esses dois idiotas.

Eduardo: O Sávio ia ser o professor de estatística

Luiz Fernando: Quem era?

Sergio: O Samir, que você falou.

Luiz Fernando: O Isnar.

Eduardo: O Isnar e esse Luiz, Luiz o que? O Luiz, alto assim, metido a farsante, ele era demógrafo... O Luiz deve conhecer, era Luiz alguma coisa....

Luiz Fernando: Não me lembro.

Carlos Maurício: Lembro do Isnar.

Eduardo: Depois ele saiu daqui e foi para... Não sei, para algum órgão desses.

Carlos Maurício: O Maurício saiu também nessa leva, foi para Brasília.

Luiz Fernando: Era o Maurício Gama e um outro rapaz.

Carlos Maurício: Tinha um rapaz e uma mulher.

Eduardo: Era um homem forte, um rapaz com o cabelo amarelo, era vermelho...

Carlos Maurício: Cara vermelha e tinha olhos azuis, ele era bom...

Luiz Fernando: Foram para Brasília porque o Lobato andou... Chefiava um departamento em Brasília e convidou...

Sergio: Em Brasília, na Universidade ou no Ministério?

Luiz Fernando: Na Universidade.

Carlos Maurício: Na Universidade, UNB.

Luiz Fernando: Ele me convidou, ele gostava de mim.

Carlos Maurício: Quase que eu fui para lá também.

Luiz Fernando: Ele disse "Você vem para cá". Ele estava chefiando um departamento e queria pegar a gente.

Carlos Maurício: Nós encontramos ele lá quando fomos dar um curso.

Luiz Fernando: Nós demos um curso lá.

Carlos Maurício: Duas vezes, dois anos em seguida, nós fomos duas vezes.

Luiz Fernando: Uma vez, eu me lembro...

Carlos Maurício: Eu, você e o Sérgio Coutinho de parasitologia, chamava-se *Grupo de agressão e defesa*.

Luiz Fernando: É.

Carlos Maurício: Era uma tentativa de integrar a medicina.

Eduardo: Sérgio veio também?

Luiz Fernando: Veio.

Carlos Maurício: Não.

Luiz Fernando: Um pouco depois.

Carlos Maurício: O Sérgio veio depois.

Luiz Fernando: Porque quando o Blois me convidou eu convidei o Argento, queria trazer o Argente de qualquer maneira.

Eduardo: o Argento era muito bom, né?

Luiz Fernando: Muito bom, e um irmão. Aí o Argento não quis vir, ele gostava de ficar ligado na clínica e aí eu trouxe o Sérgio, ele veio...

Carlos Maurício: O Sérgio gostava, o Sérgio Coutinho, aí começamos a montar a estrutura e a equipe e era o único departamento que ficou.

Luiz Fernando: Já tinha o Herman, já tinha (Ernesto Gober), já tinha...

Carlos Maurício: O Jarbas.

Eduardo: O papel do Herman foi muito importante, porque era um momento em que as doenças estavam controladas por vacina.

Luiz Fernando: Aí veio o negócio da varíola, combate a...

Eduardo: Pólio.

Luiz Fernando: Pólio, mas veio também o combate à varíola, acabou...

Carlos Maurício: Quem veio junto nessa leva foi o Akira.

Sergio: Qual Herman?

Carlos Maurício: Herman **Schatzmayr**.

Sergio: O Herman veio para cá?

Carlos Maurício: É e logo depois veio o Akira, estudante também de veterinária.



Eduardo: Nós fizemos um trabalho juntos sobre a presença do vírus da pólio nas águas da baía da Guanabara. Mas deixa eu perguntar uma coisa para vocês, porque nós passamos por várias coisas, a origem, de um certo modo, abordamos uma coisa interessante, do ponto de vista do núcleo, a gente abordou...

Luiz Fernando: O que?

Eduardo: Eu estou querendo sistematizar uma coisa aqui...

Luiz Fernando: Aí tem que render uma homenagem ao Eduardo, ele quem introduziu a epidemiologia das doenças não transmissíveis.

Eduardo: Foi, doenças não transmissíveis também.

Luiz Fernando: E teve grande mérito, aqui a gente não conhecia isso, a gente só conhecia epidemiologia...

Carlos Maurício: Hipertensão.

Luiz Fernando: De doença transmissível, doença de Chagas, esquistossomose, malária, ele trouxe e introduziu aqui a epidemiologia, os métodos epidemiológicos nas doenças não transmissíveis...

Carlos Maurício: Mas a origem dele é infecciosa, você trabalhou febre de Labra, essa história...

Eduardo: Nós vimos bem a origem do Departamento de Ciências Biológicas, principalmente, da cadeira do Coura e é agregado...

Carlos Maurício: Não, cadeira do professor José Rodrigues da Silva...

Eduardo: Confundo ele com o Coura...

Luiz Fernando: O Coura é muito depois.

Eduardo: Eu sei, mas eu confundo só por causa do Rodrigues, José Rodrigues Coura.

Luiz Fernando: José Rodrigues, ele era catedrático.

Eduardo: Eu sei quem é, tudo...

Carlos Maurício: Você não tá ruim assim não, a demência não está...

Eduardo: Eu sei, a língua é que atrapalha, a comunicação entre a cabeça e a língua... Mas a outra coisa é o seguinte: está caracterizado reforço importantíssimo, aqui eu teria coisas para lembrar como a varíola, o laboratório de varíola do Herman, bom... Com ele também trouxe alguma coisa, mas também trouxe uma mosca (37:18) da África para a sua coleção, para mostrar, roubada, evidentemente roubada... Mas nós vimos também o Departamento de Epidemiologia no fundo tinha uma cabeça vinda do Ministério da Saúde, não falamos aqui, mas eu sei que o Scorzelli, Nelson Moraes eram pessoas que estavam por ali, aí como os dois eram altos figurões, ministérios, cargos, essas coisas passando de lá para cá, acaba que se estabelece mesmo os departamentos ali depois, com o Risi, começava os departamentos que na verdade não tinha... então ficam o

Tomasini, e eu, a outra coisa é o seguinte: o nível de ciências sócias que eu não sei bem qual é, isso me interessa bastante...

Luiz Fernando: Eu acho que ciências sociais e saúde pública, o Blois se não foi o primeiro a fazer, foi um dos primeiros.

Sergio: Não, eu tenho interpretações diferentes, mas deixa o...

Eduardo: Deixa eu raciocinar, o que interessar depois a gente vai voltar. Agora tem um outro departamento que eu não sei qual a origem óbvia, a primeira composição não sei quem é. Tinha um departamento que era o planejamento.

Carlos Maurício: Osvaldo Costa.

Luiz Fernando: É.

Eduardo: Administração era separado.

Luiz Fernando: Era separado.

Eduardo: Primeiro o Bichat, mas ele não chegou a ficar, era só figurão, era só o nome para compor a primeira lista. Quem ficou mesmo foi a Elza Paim, da administração...

Carlos Maurício: Mas o Nelson chegou a ficar, ele ficou um tempo...

Eduardo: Sim, mas é que tem uma composição que eu quero dizer que era meio externa ao Ministério da Saúde, mas o resto era muito ligado ao Ministério da Saúde.

Sergio: O que era ligado ao Ministério da Saúde?

Eduardo: Todas as outras composições foram principalmente no Ministério da Saúde, o Ministério da Saúde deu mais força para Fundação Sesp do qualquer outra coisa. Então eu queria saber um pouco, tem uma ideia, foi uma demonstração global porque vem o Cinamon no Saneamento....

Luiz Fernando: Acácia também.

Eduardo: Acácia, que ficou chefe de Ciências Sociais.

Carlos Maurício: O Hélio também vem nessa leva.

Luiz Fernando: Quem?

Carlos Maurício: O Hélio.

Eduardo: O Hélio vem depois...

Carlos Maurício: Ele casa depois...

Eduardo: Eu fui colega de turma e depois foi contratado.

Carlos Maurício: Ele foi aluno. Hélio Uchoa.

Luiz Fernando: Ele era Sesp.

Eduardo: O que aconteceu, como era da educação sanitária aí pegou a área de ciências sociais e colocou ali, eu não sei se ela compôs esse departamento ou não, e acho muito estranho ela ter composto o de economia e tal...

Sergio: Ela quem? Acácia?

Eduardo: Acácia, ou ela só foi arranjada de chefe, mas a composição veio da onde? De economista, sociólogos e tal, psicólogos, vocês têm ideia disso?

Carlos Maurício: Com relação a esse departamento não, Ciências Sociais eu não lembro...

Luiz Fernando: Ciências Sociais eu não lembro.

Eduardo: E tinha algum acordo com isso aqui. Devia ter né?, certo é que eles mandam alunos para cá.

Carlos Maurício: Tinha umas coisas assim, nós formamos muita gente para o Sesp.

Eduardo: Eles mandavam para cá.

Carlos Maurício: Eles eram clientes quase cativos.

Sergio: Clientes assíduos, Acácia era dentista, né? Mas provavelmente dentista na área de educação.

Luiz Fernando: Mas ela trabalhava na área de educação, ela era discípula da dona Hortência.

Eduardo: Hortência eu conheci, mas não era Hortência era outro nome.

Luiz Fernando: Hortência, era sim.

Eduardo: Hortência era aqui da biblioteca, não era?

Carlos Maurício: Não, era outra gente, Hortência era outra...

Luiz Fernando: Não era Hortência, que eu conhecia porque foi amante...

Carlos Maurício: Era do professor Rodrigues.

Luiz Fernando: Do professor Rodrigues.

Eduardo: Então era outra que eu estava pensando da Fundação Sesp.

Luiz Fernando: Foi amante e amante de uma porção de gente, ela era uma mulher charmosíssima.

Sergio: E ela era do que, qual era a área?

Luiz Fernando: De educação, acho que ela não era diplomada, não sei.

Eduardo: Pensa nisso aí então, não sei se tem alguma articulação disso, como também da Opas,

OMS, se foi esse contato, se estava circulando, não sei de quem foi essa ideia de montar um núcleo de profissionais em áreas sociais...

Sergio: Eu tenho uma interpretação disso que é a seguinte: na verdade, essa questão de ciências sociais e área de saúde era mesmo na época em que comecei dar aulas e mesmo depois do Peses e do Peppe não era absolutamente nada tranquila, era uma contestação porque na medicina naquela época existia uma visão muito biológica...

Luiz Fernando: É isso que eu queria dizer, eu vim da cadeira de doenças tropicais e a cadeira de doenças tropicais era clínica e laboratório.

Sergio: Exatamente.

Luiz Fernando: E biologia.

Sergio: Essa questão das ciências sociais até onde eu sei isso surge, o primeiro embrião disso, é no começo da década de [19]50, a Organização Mundial de Saúde convida, chama, não sei como aparece lá, mas enfim... um economista sueco chamado Gunnar Myrdal...

Luiz Fernando: Esse cara era famoso.

Sergio: Era famoso, esse cara escreve um pequeno texto, um **opúsculo** mínimo, falando das relações entre saúde e condições...

Carlos Maurício: Ambientais

Sergio: Ambientais não se falava, nessa época,

Carlos Maurício: Socioculturais, econômicas....

Sergio: Era basicamente socioeconômicas e ele tinha a teoria do círculo vicioso, se você melhora a renda, melhora a saúde. Eu me lembro que ele tinha uma frase que a proposta para as nações era como se uma nação pudesse se erguer puxando os cadarços dos próprios sapatos, que era a ideia de você melhorando... isso foi um embrião em 50 e poucos

Carlos Maurício: O início das ciências sociais na saúde pública.

Sergio: O início... depois eu acho que acontece o seguinte: aí quem entrou na escola de saúde pública, ainda não era Ensp, talvez fosse, foi o Mário Magalhães da Silveira, que não tinha... era um crítico da Organização Mundial da Saúde, mas era um cara... não era um cara do Partido Comunista, mas era de esquerda, que tinha uma visão social. Ele dá aula ainda no começo... por isso que eu estava te perguntando isso hoje, ainda na Rui Barbosa, ele dá aulas, eu não sei qual era o curso, mas era uma aula sobre questão social e questão econômica da saúde.

Luiz Fernando: Era o marido da Nise.

Sergio: Da Nise da Silveira, exatamente, eu diria ao contrário, a Nise que era a mulher dele, porque ele era muito mais interessante, muito mais inteligente que a Nise, mas enfim...

Carlos Maurício: Há controvérsias, ele era amigo meu, eu gostava muito dela, gostava dele também.

Sgoe: Ela era muito querida. Mas ele não vem quando a escola vem para cá, ele já tinha tido algum problema e já tinha sido... ou não teve problemas, mas por alguma razão já tinha saído, ele não era da escola, ele dava um curso, mas ele não é incorporado nessa nova escola. Eu digo nesta escola aqui. A origem das ciências sociais na Escola eu acho que é o Mário Magalhães, que inclusive conhecia o Blois de alguma maneira

Luiz Fernando: Acho que ele se dava com o Blois, eu tenho a impressão... Eu comentei porque eu saí da cadeira de doenças tropicais, da cadeira que tinha sido de Carlos Chagas e vim encontrar ciências sociais aqui.

Sergio: Pois é, o Blois certamente foi um cara importantíssimo, foi uma revolução, quando eu entrei...

Luiz Fernando: Era só biologia, clínica e laboratório lá na...

Sergio: Tinha uma pessoa que a gente está esquecendo que era o Guilherme Vassalos .

Eduardo: Que era economista.

Luiz Fernando: Que era economista.

Sergio: Em [19]68 ele era professor de economia aqui, eu entrei como praticante de ensino.

Eduardo: Ele ensinou o que? Era PIB, PNB...

Sergio: E o Vassalo saiu em 1969, eu acho, por outras razões, ele estava interessado em teatro, então ele saiu para se dedicar ao teatro.

Eduardo: Foi antes de...

Sergio: Exatamente, ele foi para a França, eu entrei aqui para o substituí-lo porque ele ia para a França e quando voltou já não queria mais saber de economia e de nada e foi trabalhar em teatro.

Carlos Maurício: O que a gente lembra, saúde pública tinha o curso mas não tinha escola, não tinha estrutura.

Sergio: Exatamente.

Luiz Fernando: É o Blois quem faz, não tinha um quadro de professores, você era chamado, no ano que vem podia ser, como podia não ser.

Sergio: Mal tinha uma sede, porque os cursos eram dados em laboratórios...

Carlos Maurício: Tinha um centro administrativo ali no centro da cidade.

Sergio: Não era na Rui Barbosa não?

Luiz Fernando: Na Rui Barbosa, era...

Eduardo: Ali era na Ana Nery, ali era escola de enfermagem.

Sergio: Não, no começo era lá.

Luiz Fernando: No começo era ali.

Eduardo: Como é o nome daquela rua mesmo?

Luiz Fernando: Na frente do Fernandes Figueira, ali trabalhava o Blois, o Mário Torres...

Eduardo: Rua das Marrecas.

Carlos Maurício: Rua das Marrecas, tinha ali um negócio da...

Luiz Fernando: Tinha, mas era outra coisa, o Blois funcionava na Rui Barbosa.

Carlos Maurício: Sim, mas ali funcionava a administração.

Luiz Fernando: Sim, mas era outra coisa, o Blois funcionava na Rui Barbosa, me lembro, tinha um gabinete e dava...

Carlos Maurício: Ele quem faz a escola.

Luiz Fernando: Ele quem faz.

Sergio: Claro.

Eduardo: Isso está obscuro quem foi que... será que o Arlindo sabe?

Sergio: O Arlindo deve saber.

Luiz Fernando: Ele foi um dos primeiros a entrar aqui.

Sergio: Deve saber como foi a entrada das ciências sócias na...

Carlos Maurício: A entrada das ciências sociais, ele é da área.

Luiz Fernando: Porque o chefe de ciências sociais era um cara da PUC.

Carlos Maurício: Sérgio não sei o quê, está lá escrito o nome.

Eduardo: Falavam muito bem dele, eu não o conheci.

Luiz Fernando: Eu conheci.

Eduardo: Ele estava substituindo já... como era o nome dele?

Luiz Fernando: Não, parece que o Blois chamou a primeira vez o Carlyle.

Sergio: Qual dos Carlyles, tinha mais de um.

Luiz Fernando: Não, o outro é...

Sergio: Ah não, é irmão dele, tinha nome inglês.

Luiz Fernando: O Carlyle que foi ser secretário de saúde no Piauí, aí ele preferiu ser secretário de saúde no Piauí...

Carlos Maurício: No início foi complicado estruturar a escola.

Eduardo: Sérgio Mendonça, não?

Luiz Fernando: Sérgio Mendonça era teatro, sempre foi teatro.

Sergio: Não, Luiz Mendonça.

Eduardo: Lemos, Lemos, Sérgio Lemos.

Luiz Fernando: Sérgio Lemos, era de ciências sociais.

Sergio: Agora tem três coisas originais na Escola: uma era o Departamento de Ciências Sociais e que a gente está vendo que foi influenciado pela ideia do Sesp de educação sanitária que o Sesp tinha, trazido pela Fundação Rockefeller e outras duas coisas, um: lembra do núcleo audiovisual lá no nono andar, que tinha lá um estúdio fotográfico, onde trabalhavam o Cláudio [Maoa], o Nelson Monteiro, o Miguel não sei o quê, que era paraguaio...

Luiz Fernando: O paraguaio...

Sergio: E o Cid Faião, que era o assistente lá e que foi quem ficou, esse era o núcleo...

Eduardo: Eu acho que estava ligado a Acácia.

Sergio: Ao Sávio.

Eduardo: Ao Sávio, eu estou falando o formal, o teatro começou com coisa dele de educação sanitária

Sergio: O teatro, sim.

Luiz Fernando: Aí veio o Luiz Mendonça.

Sergio: Veio o Luiz Mendonça.

Luiz Fernando: Que veio para organizar a educação sanitária e coisa e tal e começar o teatro.

Sergio: Eu me lembro do Luiz Mendonça encenando uma peça aqui, do Martins Penna, me lembro de ter assistido esse espetáculo.

Luiz Fernando: Eu me lembro do Luiz Mendonça.

Sergio: O Luiz Mendonça era uma belíssima figura. Ficava ali numa salinha, não sei se no oitavo ou nono andar, sempre quietinho lá.

Luiz Fernando: E a mulher era...

Sergio: Ilva Niño, que não trabalhou aqui não.

Carlos Maurício: Trabalhou na televisão.

Luiz Fernando: Não, trabalha fora.

Sergio: Parece que ela veio, mas ela tem uns oitenta anos.

Carlos Maurício: É velhinha.

Luiz Fernando: Depois que ele morreu, ela veio.

Eduard: Ela ainda está por aí?

Luiz Fernando: Até algum tempo atrás, estava.

Sergio: Onde você encontrou ela?

Carlos Maurício: No antigo Politécnico, antigo não, novo Politécnico...

Luiz Fernando: Ilva Niño...

Sergio: Ela é uma figura interessante para a gente conversar...

Luiz Fernando: Conversar com ela, porque isso também era revolucionário.

Sergio: Isso era, era novidade.

Luiz Fernando: Era novidade, Ilva Niño...

Eduardo: Nós estamos ali assim e tal, só que eu gostaria muito de saber... Embora a gente saiba a época e discutimos muito, para lembrar do Gentile que falava muito que não havia, ninguém era economista, os planejamentos de saúde eram feitos só por médicos, ele falava nisso, ele tinha uma ânsia, já na época, de absorver outro tipo de gente na questão da saúde. Tinha a questão por exemplo da ... eu me lembro de uma coisa, da Ildinha dando aulas para nós...

Luiz Fernando: Quem é?

Eduardo: A Ilda, ela falou uma coisa assim, bobagem que eu gravei... aquela coisa que todo mundo queria ouvir dela, antes queria ser médico, engenheiro, agora a maior procura era ser economista, não sei o quê, e falava muito dessa ascensão que tinha...

Carlos Maurício: Profissional.

Eduardo: A busca por um outro perfil, era mais prestigiado.

Luiz Fernando: Nas boas famílias era médico, engenheiro e advogado...

Carlos Maurício: E padre.

Luiz Fernando: Mas aí é outra coisa.



Eduardo: Lá no interior do Rio Grande do Sul tinha o que fazia o padre, de preferência médico, tinha muito comerciante ou o que vai continuar o negócio do pai na fazenda.

Luiz Fernando: Aí tinha os seus desdobramentos.

Carlos Maurício: Do ponto de vista regional.

Luiz Fernando: Mas as profissões civis eram médico, engenheiro e advogado, fora isso era segunda...

Eduardo: Auxiliar, administrativo.

Luiz Fernando: Veterinário, era de segunda, assim foi feito. A figura central, é importante dizer no texto de vocês, é Blois.

Eduardo: Isso é claro.

Carlos Maurício: Ele era o grande líder.

Eduardo: Muita informação assim, esse tipo de informação formal e também de brincadeira, se passou muito coisa e ninguém sabe, eu conto isso, você não se lembra dessa história, eu não vi, mas eu cheguei um dia aqui, um dia de aula, tinha faltado alguma coisa antes e aí cortaram a luz, não sei o quê, os caras levaram o Blois ao terceiro andar numa cadeirinha pela escada...

Luiz Fernando: Ah, isso eu vi.

Carlos Maurício: Isso existe.

Luiz Fernando: Isso existia, era subir ou descer, não importa, botavam ele na cadeirinha e carregavam ele.

Eduardo: Não, aquela cadeirinha de braço que a gente fazia assim...

Luiz Fernando: Não, era uma cadeira... ele sentado numa cadeira e tinha um sujeito mais robusto e tal pegava aquela cadeira levantava e levantava e andava, e isso eu vi.

Carlos Maurício: Todo o pessoal do administrativo era muito...

Eduardo: Solícito.

Carlos Maurício: Era... "O doutor Blois..." todo aquele pessoal que veio lá da...

Luiz Fernando: Da rua das Marrecas...

Eduardo: Isso você não fez, né?

Luiz Fernando: Hein?

Carlos Maurício: Carregar ele?

Eduardo: Carregar o Luiz Fernando na cadeira.

Carlos Maurício: Estou fazendo hoje, de repente... Há três dias estou aqui com ele.

Luiz Fernando: Na cadeira, carregava Blois, e carregava a história da garota que sentou na mesa, que era bonita, aliás. Essa garota ele falava que comia ela, um dia o irmão veio aí e deu um soco na cara do Blois...

Carlos Maurício: Ele andava de óculos escuros.

Luiz Fernando: Andava de óculos escuro e mostrava o revólver, “Olha, eu tenho revólver, eu não quis, me contive e tal” porque o irmão deu um soco na cara e ficou com o olho inchado, irmão da menina.

Carlos Maurício: E tem uma história interessante, foi quando ele começou a montar a estrutura e tinha os auxiliares de ensino, nós já estávamos formados e tal, médicos e veterinário, e nós que éramos auxiliares de ensino. Ele gostava e tal, coisa da formação e ele fazia, paparicava e ele colocou um professor de inglês para nós e um dia o Osvaldo Costa chegou e disse “Eu quero ser promovido auxiliar de ensino...”

Eduardo: Para sacanear.

Carlos Maurício: Para sacanear, mas eu me lembro, preocupado com a formação...

Luiz Fernando: O Osvaldo Costa era o cara que começava o curso de Planejamento de Saúde dizendo “Saúde é um bem que se compra quem tem dinheiro compra...” ao contrário do que.. Quem tem dinheiro tem, quem não tem dinheiro não tem.

Eduardo: Eu assisti a aula dele, essa aula tem um conceito de saúde e era uma aula inteira sobre conceito de saúde, começa com a OMS...

Sergio: Saúde era o mais perfeito bem-estar físico, psicológico e social.

Eduardo: Para mostrar que era impossível.

Luiz Fernando: É.

Sergio É uma concepção revolucionária de saúde.

Eduardo: Não, era uma coisa trivial, porque no fundo confundia saúde com felicidade, essas coisas...

Luiz Fernando: É.

Eduardo: Depois tinha outras visões sobre saúde, tinha saúde e ambiente...

Carlos Maurício: (Isso foi ampliando?)

Eduardo: Ele discutia todas as coisas, ele não era assim...

Carlos Maurício: Todos os vieses.

Eduardo: Ao contrário, porque ele era um cara de planejamento formal, de Opas...

Carlos Maurício: É, ele veio da Opas.

Eduardo: Ele era aquele cara de planejamento formal do setor público, daquele quadro e tal, ele esse negócio aí... é intriga, minha história com ele é de intriga, como se fosse a ideologia dele, nada disso.

Luiz Fernando: Mas era um pouco a ideologia dele.

Eduardo: Ele nunca trabalhou no setor privado.

Carlos Maurício: Ele era de família tradicional baiana.

Eduardo: Baiano ele era.

Luiz Fernando: Hein?

Carlos Maurício: De uma família tradicional baiana.

Luiz Fernando: Baiano?

Carlos Maurício: É, ele, o Mário Torres...

Eduardo: Em quase toda a vida, não sei qual foi o percurso da vida dele, ele trabalhou em organização e serviço sanitário, no Ministério ele era chefe do serviço sanitário quando veio para a escola, isso eu me lembro de ouvi ele falar.

Sergio: E Mário Saeg, quando ele veio para cá?

Eduardo: Saeg quem trouxe?

Luiz Fernando: Não sei.

Eduardo: Eu acho que foi o Risi.

Sergio: Quem?

Eduardo: Eu acho que foi o Risi.

Luiz Fernando: Não sei.

Carlos Maurício: É bem por aí.

Eduardo: Se não foi o Risi, foi depois do Lacorte.

Sergio: O Mário Saeg vem depois do...

Carlos Maurício: Não, Lacorte era homem de laboratório, acho que foi...

Luiz Fernando: Lacorte era aqui de Manguinhos, era de laboratório.

Carlos Maurício: Era aqui de Manguinhos, (virologista).

Sergio: O Saeg era da administração, né?

Eduardo: A mulher dele era do Ministério da Saúde e tal.

Luiz Fernando: É, Dalva, a mulher.

Carlos Maurício: Dalva Saeg.

Eduardo: Mas ele era...

Carlos Maurício: Ele passava na Lagoa, ele foi médico ali.

Eduardo: Ele era médico mesmo.

Luiz Fernando: Era clínico também.

Carlos Maurício: Ele era clínico, ele mexeu com isso.

Eduardo: Mas ele fez a Escola Superior de Guerra.

Carlos Maurício: Ah não, ele era um homem ligado aos trâmites da época.

Sergio: Ele era...

Carlos Maurício: Ele era simpático.

Eduardo: Não, ele não era simpático, ele era muito educado.

Sergio: Era educadíssimo.

Luiz Fernando: Educadíssimo, Mário Saeg eu me lembro.

Eduardo: Eu me lembro dele já bem velhinho.

Carlos Maurício: Ele estava ruim.

Luiz Fernando: Estava muito ruim.

Carlos Maurício: Ele estava se arrastando.

Luiz Fernando: Se arrastando e coisa...

Carlos Maurício: Teve algum problema mais sério, acho que teve um AVC.

Luiz Fernando: É, mas acho que ele estava muito ruim.

Carlos Maurício: Foi uma queda muito rápida.

Luiz Fernando: Mário Saeg, mas eu acho que o pré Peses/Peppe é o Blois.

Sergio: Sim, claro.

Eduardo: Uma coisa a destruição disso, e a ascensão, só entrava pessoa protegida, a área biológica de quem veio mandar aqui, vocês resistem ao período do... foi curto, mas foi ... o do Risi, aí vem o Lacorte, quero dizer, com o domínio do Rocha Lagoa lá vem o Lacorte...

Sergio: O Rocha Lagoa era o ministro, quem foi o presidente da Fundação nesse mandato?

Luiz Fernando: Primeiro foi o Osvaldinho Cruz.

Sergio: Osvaldo Costa?

Carlos Maurício: Cruz, era filho do Oswaldo.

Luiz Fernando: Filho do Oswaldo Cruz, o filho mais velho...

Sergio: Ah, sim, sei.

Luiz Foi ele que foi...

Eduardo: Era o famoso cara do casaco na cadeira, né?

Carlos Maurício: O Oswaldo Cruz?

Eduardo: Dizem que ele nunca vinha aí, "Cadê o presidente?" e aí mostravam o casaco.

Sergio: E depois? Primeiro o Oswaldo Cruz e depois?

Luiz Fernando: O Oswaldo Costa.

Sergio: O Oswaldo Costa já foi no final depois de [19]74 a [19]75.

Eduardo: Aí de [19]74 até chegar o Vinicius [da Fonseca].

Sergio: Até chegar o Vinicius.

Eduardo: O Oswaldo Cruz foi num período relativamente grande, mas teve também por um período curto, depois que ele saiu, o Felipe Nery Guimarães e aquele outro ex-diretor...

Carlos Maurício: O Nery Guimarães teve um período que foi presidente sim.

Eduardo: Transitório.

Luiz Fernando: Foi diretor.

Eduardo: Foi só diretor?

Luiz Fernando: Eu acho...

Carlos Maurício Não foi presidente da instituição? Acho que foi...

Luiz Fernando: Acho que não.

Eduardo: Desconfio que ele ficou respondendo, uma coisa assim.

Sergio: Isso é fácil de encontrar.

Eduardo: Acho que o Oswaldo ... o Olímpio não voltou aí?

Luiz Fernando: O Olímpio foi antes.

Eduardo: Eu sei, mas ele não voltou naquela época.

Luiz Fernando: Mas andava aí, o Olímpio era muito odiado, porque tinha andado com o Rocha Lagoa e eu até gostava muito dele...

Carlos Maurício: O Olímpio da Fonseca.

Luiz Fernando: Foi meu professor, me deu o prêmio Gani e foi o meu professor na Faculdade, eu gostava dele, me dava bem com ele.

Sergio: Como foi esse período de [19]69?

Luiz Fernando: Isso foi antes, Olímpio foi antes.

Eduardo: Sim, mas na época do Rocha Lagoa andava por lá.

Luiz Fernando: Andava por lá e tinha laboratório, na época do Vinicius, eu me lembro que o Vinicius ia de automóvel buscar em casa e trazer...

Sergio: Esses seis anos, a saída do Blois e a entrada do Sebastião, e a chegada do Vinicius, o Osvaldo Costa, eu acho que começa a mudar na verdade com o Osvaldo Costa um pouco, que é...

Eduardo: Foi o que nós falamos antes, começa a mudar com o Geisel.

Sergio: Eu sei, mas eu tô querendo falar da Fundação, como é que era e quem estava aqui na Escola?

Luiz Fernando: O Ernesto Geisel que começa a mudar?

Carlos Maurício: Começa a mudar com Risi...

Luiz Fernando: Começa a mudar com o Vinicius.

Sergio: Começa a mudar com o Osvaldo Costa.

Eduardo: Começa a mudar um pouquinho antes.

Sergio: O Osvaldo Costa vem...

Eduardo: O Osvaldinho Costa vem com o Geisel, mas é transitório.

Sergio: É transitório, aí já não é o Rocha Lagoa ministro mais.

Luiz Fernando: O Vinicius era muito amigo do...

Sergio: Reis Veloso.

Luiz Fernando: Reis Veloso e o pessoal entrou naquele negócio de "Ah, um cadáver putrefato, o IOC, cadáver putrefato na avenida Brasil e pediram, foram lá falar com... o ministro da Saúde não mandava nada, quem mandava era o...

Eduardo: Alberto.

Luiz Fernando: Era o quê?

Eduardo: A alta hierarquia do IOC.

Luiz Fernando: Quem mandava era o Reis Veloso.

Eduardo: Ah, sim.

Luiz Fernando: O Reis Veloso disse “Eu dou dinheiro para fazer o reerguimento do IOC, agora, eu vou botar um homem meu de confiança para dirigir” e botou o Vinicius, que foi muito bom...

Carlos Maurício: Ele veio da Cepal, se não me engano.

Sergio: Veio do Ipea.

Carlos Maurício: Do Ipea.

Luiz Fernando: E foi muito bom, porque aumentou o salário.

Sergio: Tudo isso é o que o Eduardo acabou de falar, era a política social do Geisel, porque depois dos anos Médici e aquela coisa do Delfim e da péssima distribuição de renda, o Geisel em vez de aumentar salário o que entende ser mais importante? Seria fazer uma política social que atingisse os mais pobres, essa a política social junto com a política de desenvolvimento de ciência e tecnologia resulta na atuação da Finep. Há um enfraquecimento do CNPq e fortalecimento da Finep, dinheiro na Finep e o PBDCT (Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), onde entra dinheiro aqui. O Vinicius vem com um caminhão de dinheiro para reerguer...

Carlos Maurício: Ele montou uma série de estruturas laboratoriais.

Sergio: Tudo, acho que o INQS é ele quem cria ou traz pra cá.

Luiz Fernando: Traz pra cá, já existia o ICQS.

Carlos Maurício: Era o LCCDMA.

Luiz Fernando: LCCDMA.

Carlos Maurício: Na praça Mauá.

Sergio: Não era na praça XV?

Carlos Maurício: Praça Mauá, eu estive lá.

Luiz Fernando: Aí trouxe para cá e fez ali o prédio...

Sergio: Farmanguinho foi o Vinicius quem trouxe também, foi nesse época ou a Farmanguinho já existia?

Carlos Maurício: Já existia.

Luiz Fernando: Farmanguinhos já era.

Sergio: Veio como Ineru e foi incorporando, Farmanguinho era do Ineru?

Eduardo: É.

Carlos Maurício: A origem, é.

Eduardo: Já era aqui mesmo.

Carlos Maurício: Serviços de produtos profiláticos, ansiolíticos, inseticida, era isso que eles faziam.

Sergio: E tinha outra coisa, nesse período do Vinicius houve uma tentativa, não sei se vocês lembram também, de incorporar o Evandro Chagas à Fundação Oswaldo Cruz...

Luiz Fernando: Eu me lembro.

Sergio: A Fundação queria o Evandro Chagas, que chiou e...

Eduardo: Entraram e saíram não foi?

Sergio: Entraram e saíram.

Luiz Fernando: Entraram e saíram, entraram pouco tempo e saíram.

Sergio: Conseguiram sair.

Luiz Fernando: Não quiseram ficar.

Eduardo: Estavam mais ligados com a questão regional do que...

Luiz Fernando: Tinha um negócio de salário na época.

Sergio: Tinha uma questão de carreira.

Luiz Fernando: De salário e de carreira, mas eles não ficaram não.

Sergio: Esses anos entre [19]69, [19]70 e [19]75, esse cinco anos, vamos dizer que tenha sido isso, como é que ficou aqui, era uma situação precária, como é que era?

Luiz Fernando: Com o Vinicius?

Sergio: É, depois do Blois e antes do Vinicius? Como você se seguraram aqui?

Eduardo: Mas no IOC a pesquisa daqui ainda era valorizada, porque era em ciências biológicas. No IOC eu me lembro de coisas assim, quando voltei aqui em [19]72, por aí, o lugar que eu queria ficar e fazer alguma coisa foi lá com o Luiz Fernando, porque tinha mais vida. Então eu, embora já tivesse alguma coisa de epidemiologia que eu podia ajudar a fazer, eu me lembro que no curso dele eu assistia as aulas, não lembra disso não? Eu ia para lá, trouxe uns bichinhos, estudava os parasitas, eu já tinha aprendido bastante sobre esses bichinhos na Inglaterra e ficava por lá, porque era um lugar que estava...



Carlos Maurício: Esse período antes do Vinicius chegar era um pouco limbo, né? A coisa não era...

Sergio: O que vocês faziam, vocês davam o curso ou faziam pesquisa, basicamente? Curso pra quem?

Luiz Fernando: Teve curso de laboratório de saúde pública.

Carlos Maurício: E também você trouxe o curso de iniciação, que foi o embrião da pós-graduação hoje.

Luiz Fernando: Aí veio o curso de aplicação, porque o Lagoa...

Carlos Maurício: Se metia muito.

Luiz Fernando: É, a escola ensina, IOC pesquisa...

Sergio: Exatamente.

Luiz Fernando: Exatamente, e nesse tempo ele passou o curso de aplicação, o curso que Osvaldo tinha começado aqui, eu fui o primeiro coordenador, aí nós fizemos uma pequena modificação, eu e Eva...

Carlos Maurício: Ema.

Luiz Fernando: E nós separamos microbiologia de parasitologia.

Eduardo: O curso já era separado quando a gente chegou... as coisas que o Risi fez era isso, embora tivesse curso de saúde pública que ainda podia misturar, mas não era, era só enfermeira e médico.

Carlos Maurício: A visão dele era essa...

Eduardo: A Fundação Sesp.

Carlos Maurício: Os professores chamavam-se os profissionais de saúde.

Eduardo: Tinha os engenheiros, iam para lá passava de novo pelo curso de engenharia sanitária, tinha o laboratório de saúde pública, tinha o de saúde mental, e aí a gente começou a fazer isso, eu me lembro de dar aulas em cursos separados, por isso que eu ficava um pouco com vocês lá.

Luiz Fernando: O curso de aplicação ficou aqui, nós demos um outro nome, Curso de iniciação à pesquisa em biologia, e que separava a microbiologia de um lado... tinha uma parte em comum que eu não me lembro mais e depois a microbiologia de um lado, parasitologia de outro...

Carlos Maurício: Vinham muitos professores.

Sergio: Eu me lembro de dar aulas aqui.

Luiz Fernando: Você era corajoso.

Sergio: De ser chamado para o curso de engenharia sanitária, eu me lembro claramente, eram

péssimos, os alunos, eram pessoas completamente...

Carlos Maurício: Eu dava aulas para engenheiros dessas coisas de biologia nesses cursinhos. Esses cursinhos serviam para motivar os caras.

Eduardo: Tinham outros cursinhos que rolavam, tinha cursos que rolavam, rolava curso de odontologia sanitária, rolava curso de enfermagem em saúde pública, mais ou menos isso, rolava o curso de saúde mental que mais que eu me lembre assim de coisas específicas? Tuberculose, como é que era?

Carlos Maurício: Fisiologia sanitária.

Eduardo: Fisiologia sanitária

Sergio: Quer dizer que esses cinco anos então foi levando esses cursinhos?

Eduardo: Dava-se muita aula.

Carlos Maurício: E foi assim, quando eu voltei da Alemanha...

Eduardo: Tudo era assim, e tudo coisas básicas, menos o de epidemiologia, o resto era coisas básicas.

Carlos Maurício: Naquele período você se afastou.

Eduardo: Eu tinha uma coisa aqui, que eu não estou querendo contar minha história, mas era isso.

Carlos Maurício: Só posso situar.

Eduardo: Em [19]70 eu vim para cá, meio de [19]70, e no meio de [19]71 fui meio que preparando para isso eu fui para uma bolsa na Inglaterra e não sabia se voltava, quando voltei não queria vir para cá, porque estava aqui um horror, cheguei aqui e estava um horror, tudo vazio e tal, aí eu fui lá para o Coura, fiz um curso.

Luiz Fernando: Você fez um curso lá.

Carlos Maurício: Curso de doenças tropicais.

Luiz Fernando: Você, a Diana, a Dulce.

Eduardo: Eu entrei... não sei

Luiz Fernando: Ganhou.

Eduardo: Só sei que eu entrei.

Luiz Fernando: Vocês ganharam.

Eduardo: Só sei que ele me chamou e tal, só que demorou tanto para ele me chamar que eu fiquei trabalhando com ele.

Luiz Fernando: O Coura abriu para ciências sociais, aí já num período mais tardio, quando levou a Dulce para lá e levou você.

Eduardo: Eu fui antes.

Luiz Fernando: Você foi antes.

Eduardo: Em [19]72.

Luiz Fernando: Porque as ciências sociais...

Eduardo: Eu fui direto para lá.

Luiz Fernando: E ficou lá até se aposentar.

Eduardo: Em [19]72, quando eu cheguei aqui, em outubro, eu fui direto trabalhar com ele quando ele pediu licença, eu não ganhava aqui, o Lacorte de bom grado me emprestou para a Universidade. Aí eu fiquei com ele no final, nas férias de verão inteiras e tal, e quando chegou perto de setembro ele conseguiu contrato para mim, não foi um concurso propriamente, embora eu tenha sido entrevistado e tal, era assim que faziam, e aí demorou para sair a contratação, quando saiu, eu acho que aquilo era capaz de não sair, eu peguei e aceitei o convite da OMS para ir para a Índia.

Carlos Maurício: Foi nesse período...

Eduardo: No final de [19]73, por agosto eu fui para a Índia, e no começo de [19]74 o Osvaldo Costa me telefonou, eu queria continuar por lá, vem que agora a coisa aqui vai funcionar foi mais ou menos essa história.

Carlos Maurício: Eu me lembro...

Eduardo: Eu digo que eu vim aos pedaços, vim mais ou menos aos pedaços nesse período.

Carlos Maurício: E nessa história do Peses/Peppe que vem o Arouca, como o Arouca vem?

Eduardo: O Sérgio quem indicou e eu contratei.

Carlos Maurício: Foi nesse período, eu lembro.

Sergio: Claro.

Carlos Maurício: Ele vem lá de São Paulo.

Sergio: De Campinas.

Carlos Maurício: De Campinas.

Sergio: Me diga uma coisa, vamos àquele tema que eu tinha levantado no começo. Como é que vocês que estavam aqui e que não entraram no Peses/Peppe viram, qual é a avaliação de vocês do que foi o Peses/Peppe naquele tempo?

Luiz Fernando: A gente foi um pouco indiferente, eu acho.

Carlos Maurício: A gente estava muito envolvido com esse negócio dos cursos, a gente não participava muito...

Luiz Fernando: Envolvido com as pesquisas que a gente fazia, que tinha o negócio da esquistossomose...

Carlos Maurício: Toxoplasmose.

Luiz Fernando: A linha de trabalho dele.

Carlos Maurício: Dando apoio ao Sérgio na toxoplasmose.

Luiz Fernando: Só lembro disso, eu acho que ele modificou os termos de conteúdo da gente.

Eduardo: Tinha uma estabilidade, não era uma área... embora as grandes endemias fossem alguma coisa que você fizessem, saúde pública fosse uma coisa mais particular, tinha muita coisa acontecendo e no IOC estava cheio de coisas ali nesse tempo, eu acho que não chegou...

Luiz Fernando: O Lacorte reforçou, pelo que eu me lembro, ele era colega de turma do meu pai na faculdade, então ele me conhecia de garoto, me paparicava, a mulher "Luiz Fernando, eu peguei você pequenininho no colo..." ele era chefe de Departamento, eu me lembro disso e ele me prestigiava porque ele era da área biológica, era virologista...

Carlos Maurício: Ele era virologista, trabalhava com gripe.

Luiz Fernando: Trabalhava com gripe e ele prestigiava o que tinha de mais semelhante na área dele e então me reforçou a... a gente não tinha problemas.

Eduardo: Como é que era a coisa da Escola, tinha uma coisa que era a área de ensino, como era aquele negócio que caiu o Furtado?

Carlos Maurício: Esse cara foi o chefe de Departamento de Ensino, piauiense simpático também.

Eduardo: Ele era...

Carlos Maurício: Ele era tenente, ele foi tenente da Força Expedicionária, ele foi médico da Força Expedicionária.

Luiz Fernando: Ele era do IOC, era micologista.

Carlos Maurício: Era micologista.

Luiz Fernando: Ele veio e aí criaram o Departamento...

Carlos Maurício: Ele era ótimo.

Luiz Fernando: Os departamentos de biologia eram dentro do departamento...

Eduardo: Era dentro do departamento dele, o Lacorte não fazia nada e ele fazia tudo.

Luiz Fernando: eEe era um cara legal.

Carlos Maurício: Era.

Sergio: Nisso o Lacorte era o diretor da escola?

Luiz Fernando: Diretor da escola e ele era ... vai ser coordenador da área de ensino.

Carlos Maurício: Ele era o segundo, homem de confiança do Lacorte se não me engano.

Eduardo: Só tinha essa área, não tinha área de pesquisa, não chamava...

Luiz Fernando: A gente continuou fazendo os troços da gente.

Sergio: Até porque tinha uma independência do laboratório muito grande, né?

Carlos Maurício: Sim, claro, nunca ninguém cobrou nada.

Sergio: Ninguém interferia no laboratório.

Eduardo: A pesquisa era lá que levava.

Carlos Maurício: Nunca cobraram a gente, a gente fazia o que queria, ótimo isso aqui, é maravilhoso.

Eduardo: Foi ele quem levou a Ilda na época do Lacorte que eu acho que foi lá para cima.

Luiz Fernando: Foi o quê?

Eduardo: Lá para o IOC.

Luiz Fernando: Não, foi depois, acho que foi na época do Vinicius, o...

Sergio: A minha impressão é essa também.

Luiz Fernando: Foi o Vinicius que levou o pessoal para o IOC.

Carlos Maurício: Só não fomos nós, até o Sérgio foi também.

Luiz Fernando: O Sérgio foi também.

Sergio: O Jarbas, o Akira...

Carlos Maurício: O Akira já estava com o negócio da...

Luiz Fernando: Da Biomanguinhos.

Carlos Maurício: Da Biomanguinhos, ele veio da Alemanha, da Bayer...

Luiz Fernando: Para montar...

Carlos Maurício: Foi o Vinicius que foi buscá-lo, depois conversou com o Herman e ele disse "Eu tenho um cara bom, mas está na Alemanha", foi lá e trouxe para montar...

Luiz Fernando: Aí ele disse “Eu não quero, não me interessa...” o Herman, ele que foi convidar...

Carlos Maurício: Ele veio com o imunobiológico, a área do Akira...

Luiz Fernando: Criar a Biomanguinhos.

Carlos Maurício: Porque não tinha, tinha um setor que fazia vacina, outra aqui, tinha a vacina de febre amarela que era a única consolidada e aí ele juntou tudo e hoje é a Biomanguinhos. Porque o Akira foi daqui, mas também foi embora, foi para a Alemanha, fazer doutorado, aí foi para a Bayer, vinha montar o setor....

Eduardo: Ele foi para a Bayer.

Carlos Maurício: Ele ia montar a fábrica de vacina veterinária aqui no Brasil, aí o Herman sugeriu ao ...

Sergio: Vacina veterinária?

Carlos Maurício: Vacina veterinária, o Akira quando vai para a Alemanha, era veterinário.

Sergio: Akira é veterinário?

Carlos Maurício: É veterinário e vai para fazer isso, aí volta e monta Biomanguinhos, é isso aí que você está vendo.

Luiz Fernando: Começou do zero.

Carlos Maurício: Tiro o chapéu para ele.

Luiz Fernando: Fez e tocou.

Carlos Maurício: Fez os convênios, você ajudou ele naquele negócio da validação vacina de sarampo.

Eduardo: Esse é um episódio legal, eu tentei vacinar, comprar vacina porque não tinha o suficiente, no Ministério não tinha, tentei comprar direto da (1:22:52) e aí o Ministério proibiu a gente de comprar a vacina, queria fazer a campanha aqui e eles não tinha a campanha de sarampo, aí não pude fazer. Aí no ano seguinte estourou a epidemia em tudo quanto era canto do Brasil e o ministro ficou chateado por não ter dado a autorização e disse que eu poderia usar a vacina que recém tinha ficado prontas daqui.

Carlos Maurício: Transferência de tecnologia.

Eduardo: Tinha sido fabricada aqui, foram as primeiras quinhentas mil doses produzidas pelo Akira. Já tinha testado, já estava com os testes básicos feitos...

Maurício: Já podia?

Eduardo: Eu disse “Não, vamos provar, eu quero sim”, eu acredito no Akira e tal...

Carlos Maurício: Foi colega nosso aqui.

Eduardo: Tacamos o pau, pois bem, antes da gente mostrar o resultado, não precisava mais o limite era quinhentas mil doses, eu cheguei para ele lá naquela pracinha lá e disse assim “Akira, eu tenho uma coisa para te dizer a tua vacina funciona”, ele encheu de água os olhos eu me lembro assim, né?

Carlos Maurício: Era o primeiro teste de campo em larga escala, funcionou?

Eduardo: Funcionou e o impacto foi danado.

Luiz Fernando: Akira é importante.

Carlos Maurício: Sim.

Sergio: É importante à beça, Akira é tão importante quanto o Blois...

Eduardo: Em outro campo.

Sergio: Em outro campo, os dois são criadores de instituições.

Luiz Fernando: É outra coisa, fora daqui, não na Escola.

Sergio: Não na Escola, como criador de instituições.

Carlos Maurício: Eu entendi o que você queria dizer.

Sergio: Inovador...

Carlos Maurício: Um criador de imunobiológico, de estatal e tal, ele era o cara e ele vai, é ranheta, trabalhador...

Eduardo: Foi presidente da Fiocruz.

Carlos Maurício: Teve uma época que ele foi presidente.

Eduardo: Te lembrás que fizemos ele, né, cara?

Carlos Maurício: Nem fala, esquece, fomos nós, eu entreguei o abaixo-assinado, que era seu amigo trabalhava no hospital “que é isso?” (1:24:22) Ele mostrou no avião, o ministro era japonês...

Eduardo: O Sussuki?

Carlos Maurício: Sei lá, um cara lá de São Paulo que era colega do Akira.

Eduardo: A gente chama de sabotador

Carlos Maurício: No dia seguinte saiu no Diário Oficial, ele queria matar a gente...

Eduardo: Sabotador.

Sergio: Quem queria matar quem?

Eduardo: Sabotador, a canalha...

Carlos Maurício: Não vamos nominar.

Eduardo: Queria aquele domínio no negócio do gogó e aí a gente chegou e disse o seguinte...

Carlos Maurício: Queriam colocar o Carlinhos Chagas.

Eduardo: Isso era péssimo.

Carlos Maurício: Velhinho já...

Eduardo: Essas coisas.... aí eu disse “Bom, o nome é o Akira, vamos fazer...”

Carlos Maurício: Vamos buscar assinatura.

Eduardo: Japonês com japonês é uma coisa, o Akira tinha uma passagem muito boa em todos os setores, era um cara de sucesso, fizemos um abaixo-assinado que era restrito, né? Porque na verdade eu achei e por isso eu segurei aquilo porque o Suzuki queriam o Akira, mas ele precisava...

Carlos Maurício: De algum apoio.

Eduardo: De alguma coisa e não só porque era japa também né?

Carlos Maurício: Era japonês.

Eduardo: Tinha umas trinta, quarenta assinaturas que a gente deu para ele.

Carlos Maurício: Não, porra nenhuma, uma porrada de assinatura.

Eduardo: Eu não me lembro.

Carlos Maurício: Eu, você, o Klein e aquele rapaz que trabalhava também no INCQS que era muito amigo da gente.

Eduardo: O Maninho, não?

Carlos Maurício: Não, o outro, pegamos assinatura, daí a pouco... Foi um catatau assim, você nem lembra... Depois eu entreguei para o cara e depois eu fiquei mal visto, “Esse negócio é cara do Eduardo...”, do Eduardo é o cacete, cara, fizemos uma coisa que era importante, mas aí ficou marcado. Um dia você conversou com o Arouca, ele era um cara legal, mas ficou marcado, mas era só para ser chefe de gabinete, ele queria que eu fosse chefe de gabinete e aí os caras “O Carlos Maurício não...”

Eduardo: Eu disse para ele...

Carlos Maurício: Aí, o Akira também... Foi chato aquilo de dar apoio e bateu na mesa “A gente combinou antes...”

Eduardo: Disseram o Carlos Maurício vai ser seu chefe de gabinete.

Carlos Maurício: Tinha uma coisa dessas...



Eduardo: E aí você foi chefe de gabinete, claro, ele queria ser presidente e com uma ajuda dessa me pediu porque era importante, aí a gente chegou e fez...

Carlos Maurício: Aí trouxemos o Aroldo para ser chefe de gabinete.

Eduardo: Ele queria botar ele no gabinete...

Carlos Maurício: Eu fui vetado.

Eduardo: O Gadelha, esses caras do ministério “como...?”

Carlos Maurício: Do Eduardo...

Eduardo: Tem que ser neutro, neutro, para eles né?

Carlos Maurício: Sim, mas nós trouxemos o Aroldo.

Eduardo: Sim, mas não foi eu.

Carlos Maurício: Foi eu e o Akira, nós estávamos em Brasília conversando com Aroldo.

Eduardo: Ele deu um pé na bunda.

Carlos Maurício: É, ele me chamou na casa dele um dia e o Akira disse “Olha, Carlos Maurício, não tenho como...”. “Ah, Akira, não estou pensando nessa besteira não estou pensando nessa porra, não sou desse tipo, não estou atrás de cargo, não sou desse tipo...” porque tinha feito um acordo e tal, “Ah, ainda bem”, aí nós trouxemos o Aroldo, não sei se você se lembra do Aroldo.

Sergio: Não.

Eduardo: Mais ou menos, eu me lembro dele, mas não...

Carlos Maurício: O Aroldo era um cara legal, era um médico da polícia, mas era bom.

Luiz Fernando: Eu me lembro dele.

Carlos Maurício: Era um cara muito educado.

Eduardo: Ele não cumpriu o acordo e eu dei um gelo nele.

Carlos Maurício: Depois fez uma homenagem para ele, o Fernando, aquela vez lá em Farmanguinhos... Por falar em Farmanguinhos cadê a porra da insulina que botou, mas não trouxeram. Aquilo foi um projeto furaterma, uma tentativa pelo menos.

Eduardo: Eu não sei.

Carlos Maurício: É uma pena, não continuamos...

Eduardo: Hoje você importa vacina.

Carlos Maurício: Também vou te dizer, cá entre nós, agora eu posso, aquele filho da puta do ucraniano não queria transferir porra.... ele saiu fora, ele não queria transferir, queria vender e

você queria trazer, típico, você participou desse projeto, tem história para contar.

Eduardo: Não sei se vale a pena, hoje muita coisa já não sei se vale a pena, a vacina.

Sergio: Vacina não, insulina.

Carlos Maurício: Agora, Peses/Peppe...

Sergio: Não, a informação é essa, tudo bem.

Eduardo: Deu uma passada boa.

Sergio: Acho que deu uma boa...

Carlos Maurício: Deu uma lembrada, lembramos de uma porção de coisas.

Sergio: Foi ótimo passamos por coisas que não falaram nada até agora, perfeito, vou fechar aqui.

Luiz Fernando: Você vai escrever.

Carlos Maurício: Ele faz um copy disso.

Eduardo: Estamos reunindo documentos, alguma coisa que tem... Por exemplo, eu achei uma coisa aqui no seu discurso...